

Jogos e Consoles antigos são a nova tendência da indústria dos videogames

João Vitor Meirelles de Siqueira

Quem nunca ouviu falar em Mario, Sonic, Pac-man e muitos outros personagens do mundo dos videogames? Apesar de terem sido lançados no século passado, reviver os grandes clássicos está virando uma tendência.

A onda dos games retrô vem se tornando cada vez mais popular e com ela, as grandes empresas resolveram investir nos últimos dois anos em relançamentos de consoles antigos, como o Atari e Mega Drive, que no último ano voltaram a circular no mercado brasileiro. Outro console clássico relançado foi o Super Nintendo, videogame mais popular da década de 90, que revolucionou a maneira de jogar com seu controle com botões superiores.

A nostalgia em relembrar os jogos antigos é uma das principais motivações dos jogadores retrô. Retrogamer há quase três anos, Igor Nóbrega, começou a colecionar jogos antigos pelo valor afetivo de relembrar os games jogados na infância.

“Acredito que a história que um jogo transmite é a essência do quão marcante ele é, e não somente os recursos

visuais que a atual geração oferece”. Igor diz que seu jogo favorito é o Donkey Kong Country, lançado em 1994, tendo vendido 9,3 milhões de cópias na época.

A mania dos videogames retrôs está cada vez mais atraindo fãs, e o ótimo faturamento das empresas com os relançamentos dos consoles e alguns jogos está criando um novo ramo na indústria dos games.

O mais recente jogo lançado pela Sega, Sonic Mania, que volta as origens do personagem, vendeu mais de 1 milhão de unidades pelo mundo. A empresa Sony, uma das bem sucedidas no ramo, informou recentemente em entrevista dada ao site japonês Mantan Web, a possibilidade de relançamento do Playstation One. “Nossa companhia está sempre desenterrando conteúdo do passado, acho que há várias formas de trazer de volta o console clássico”, disse John Kodera, CEO da Sony, ao site Mantan Web.

Uma das alternativas para quem não tem condições de manter esse hobbie é usar os emuladores disponíveis gratuitamente na internet.



Foto: Arquivo Pessoal.

Igor Nóbrega mostra sua coleção de games antigos.

Capoeira ressurge na universidade para equilibrar corpo, mente e espírito

Guilherme Rodrigues Coiro



Foto: Guilherme Rodrigues Coiro.

Enio Sales de Oliveira, 34 anos, e demais colegas, no projeto de capoeira.

A capoeira de angola é praticada no Câmpus de Palmas, da Universidade Federal do Tocantins, pelo acadêmico do curso de direito Enio Sales de Oliveira, 34 anos, e demais colegas. O projeto ocorre regularmente nas segundas, quartas e sextas-feiras às 17 horas, com duração aproximada de 2 horas, na tenda da prainha.

O acadêmico do Fellype Augusto Gonzaga Carvalho, do curso de engenharia de alimentos, disse que “já participo do projeto há aproximadamente 15 meses. O primeiro contato que tive com a capoeira foi quando era criança, praticava a capoeira regional”. Carvalho também reconhece a importância que a capoeira tem em sua vida. “A capoeira me ajuda a manter uma relação melhor com o meu corpo, mente e meu lado espiritual, também me ajuda a melhorar minhas relações pessoais.”

O acadêmico Enio diz que carrega a capoeira “eu sou um capoeira e onde eu estiver eu vou praticar a capoeira

e partilhar esta paixão”. Manter o projeto não é fácil: “faltam coisas básicas como uniformes e tatame, eu tentei conseguir o apoio da PROEX, mas é muito difícil, tem edital para tudo”, lamenta.

O preço de uma aula de capoeira pode variar de R\$ 60,00 até R\$ 150,00 nas grandes academias, atualmente os 14 participantes de diversos cursos, servidores, docentes tem aulas gratuitas, o curso é aberto também a comunidade. São transmitidos valores como respeito ao mais velho, solidariedade, ancestralidade, disciplina, entre outros valores.

Em 2008, a capoeira foi reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil, em 2014 considerada pela UNESCO patrimônio imaterial da humanidade. A capoeira está inserida em mais 150 países em contextos múltiplos, além de ter se tornado objeto de reflexão acadêmica em diversas áreas do conhecimento..

O Calango

Jornal do Curso de **Jornalismo da UFT**

Ano 0, nº 2 | Julho de 2018



Foto: Divulgação.

>>INTOLERÂNCIA

Os casos de agressão contra templos e adeptos às religiões de matriz africana por pessoas de religiões neopentecostais aumentam em Palmas. **Página 2.**



Foto: Maria Alcântara.

Abandono total da Prainha.

>>UFT

Aos 15 anos o campus de Palmas aumenta a sua responsabilidade que é de desenvolver ciência e tecnologia, mas esbarra com problemas de infraestrutura e obras inacabadas. **Página 4.**

>>SAÚDE

Cinoterapia

Técnica realizada com o auxílio de cães para ajudar a sanar problemas psicológicos, de relacionamento social ou afetivo e distúrbios de aprendizagem foi implantada em Palmas pelos bombeiros. **Pág. 7**

>>DANCE BEM OU MAL, MAS DANCE!

A dança de rua ganha cada vez mais espaço no Tocantins com diversos eventos e dançarinos que se destacam pelo mundo. **Pág. 3**



Foto: Arquivo Pessoal.

Defensor Marlon Amorim.

Imagine uma situação em que você está pronto para embarcar numa viagem para o Uruguai e é barrado devido à má conservação e validade do seu documento pessoal. Pois é foi o que aconteceu com o servidor público, Edvaldo Alves, que foi impedido de viajar no início deste ano.

“Fiquei muito triste, mas não sabia da regulamentação e realmente não teve argumento para convencer a atendente, não consegui realizar minha viagem”, lamentou.

A regulamentação sobre a validade de documentos vale para empresas áreas, alfândegas, cartórios, serviços bancários e correios, até o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), costuma recusar documentos após o prazo, que não pode ultrapassar dez anos.

Outro item importante é a conservação dos documentos, principalmente, para viagens aos países do Mercosul. A carteira de identidade ou Registro Geral (RG) é um dos mais requisitados.

A lei não especifica o prazo de validade desse documento, recomenda-se retirar uma nova via após esses dez anos a fim de manter o documento atualizado e em boas condições de uso.

Para evitar possíveis transtornos ao cidadão é recomendável manter o documento conservado como orienta o defensor público, Marlon Amorim, “o documento de identidade deve guardar sempre uma característica de atualidade, ou seja, passado um determinado prazo, esse documento deve ser atualizado, principalmente em relação as viagens internacionais”, ressaltou o defensor, que atua na área da Fazenda Pública da Defensoria Pública do Estado do Tocantins (DPE-TO).

>>EDITORIAL

A segunda edição do Jornal O Calango sai com um atraso significativo. Mas, como estamos trabalhando em um laboratório de jornalismo, com produções experimentais, isso não diminui o mérito do material publicado, embora o tempo seja requisito essencial para o jornalismo.

Nesta edição trazemos um conteúdo interessante sobre a violência e o preconceito às práticas religiosas de matriz africana. Uma reportagem sobre os 15 anos do Câmpus de Palmas, que apura a responsabilidade social da UFT na inclusão ao ensino superior de pessoas de grupos culturais diversos e os

problemas de infraestrutura e obras inacabadas que comprometem a paisagem e os espaços de convívio na universidade, além de outros temas de interesse comunitário.

As reportagens aqui publicadas fecham um ciclo para os alunos do 5º período, aprendizes de jornalismo, que superam com muita responsabilidade e entusiasmo as várias etapas que o curso oferece, uma profissão cada dia mais importante em sociedades que, a exemplo da nossa, lutam pela democracia, pela liberdade de expressão e pela garantia dos direitos humanos. Leiam! Divulguem!



Foto: Arquivo Calango.

Turma de Edição em Jornalismo, responsável pelo Jornal O Calango.

CAPA

Religiões de Matriz Africana são perseguidas em Palmas

Dandara Maria Barbosa



Foto: Dandara Maria Barbosa.

os ancestrais, com ao meio ambiente,” enfatiza Solange.

A filha de santo relembra um ocorrido de discriminação, “estava em um banco, entrando na porta eletrônica e fui constrangida porque usava acessórios ritualísticos”, comenta. “Fui impedida de entrar, não foi por ser de metais, pois homens brancos usavam relógios e entraram, mas a mulher preta de turbante e indumentária africana não podia entrar na agência”, lamenta.

A mãe de santo Roberta de Osoquiã, recebe o nome sagrado Yá Yfalore que dirige a casa de candomblé Ilé Asé Funfun Osoquiã, Casa Branca da Serra, e que preside a Federação das casas de Culto de Matriz Afro Brasileira do Tocantins, explica que todo esse preconceito é porque o surgimento da religião candomblé era proibida e considerada crime, assim como outras manifestações vinda da cultura negra, como a capoeira. “O preconceito com as religiões de matriz africana ainda é

presente em nossa sociedade. E é interessante ver como a cultura brasileira se apropria dos elementos trazidos pelos escravizados, mas não os reconhecem, apenas transformam e deturpam,” comenta.

A mãe de santo ressalta que as manifestações africanas que deviam se tornar diversidade cultural e religiosa, uns dos pilares mais importante para a construção da cultura nacional, são perseguidas, discriminadas e invisibilizadas, e os seus seguidores são perseguidos.

De acordo com o Código Civil Brasileiro, as entidades religiosas precisam estar legalmente regulamentadas para poder exercer seus direitos, com registros das atas de constituição e estatutos em cartórios. Em Palmas se encontram mais de 70 casas de religiões de origem afro-brasileira, segundo o instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), apesar de que não maioria, não há a uma regularização.



Foto: Dandara Maria Barbosa.

No surgimento da religião, o candomblé era proibido e considerado crime.

Expediente

Palmas/TO, julho de 2018

Jornal O Calango, Ano 0, nº 02, é uma publicação semestral do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) da disciplina de Edição em Jornalismo, relativo ao semestre de 2017.2 Editora-chefe de redação: Profa. Dra. Maria de Fátima de Albuquerque Caracristi/ Editor-chefe de arte e produção editorial gráfica: Mayara Sousa/ Editor Executivo: João Vitor Meirelles de Siqueira/ Monitora: Caira Lima/ Secretária de Redação: Luana Nunes/ Bateia Online: Leocândio Silva Santos.

COMUNIDADE

Projeto de Cinoterapia com cães ajuda no tratamento de estresse e ansiedade

Sthéfany Simão

Com o objetivo de auxiliar na reabilitação de pacientes e buscando proporcionar um ambiente hospitalar mais humanizado, o corpo de bombeiros de Palmas desenvolve o projeto de cinoterapia ou terapia facilitada com cães.

A Cinoterapia é uma terapia realizada com o auxílio de cães muito utilizada em crianças com problemas psicológicos, com problemas de relacionamento social ou afetividade e com distúrbios de aprendizagem. A técnica também proporcionando um ambiente hospitalar humanizado, auxiliando no combate a dor e ao sofrimento físico e emocional.

Josevania Aires, contadora, tem uma filha que passou pelo tratamento e relatou que houve um desenvolvimento muito grande na menina. “Percebi que a terapia com o auxílio dos cachorros, ajudou muito a minha filha, ela ficou mais animada e criou um afeto muito grande com os animais”, ressaltou.

A equipe do corpo de bombeiros do Tocantins obteve conhecimento do projeto em Santa Catarina, o soldado Alef Telles disse que é muito bom poder contribuir para a saúde das pessoas. “Hoje é uma alegria imensa ouvir dos profissionais da saúde sobre o desenvolvimento dos pacientes, isso nos motiva a persistir no projeto”, afirmou.

A cinoterapia conta também com colaboradores da comunidade em geral, Twiggy Batista, bióloga, dona da cachorra Belga, participa das visitas, para ela o sentimento é de alegria ao participar e ajudar no tratamento dos enfermos. “É uma satisfação muito grande ver a Belga ajudar, estamos contribuindo com as pessoas no tratamento de suas doenças”, destacou.

Atualmente o projeto funciona no Hospital Geral de Palmas (HGP) às terças-feiras, 9 horas da manhã e as quintas-feiras, no hospital Infantil de Palmas, às 16 horas. Cada visita tem a duração de uma hora.

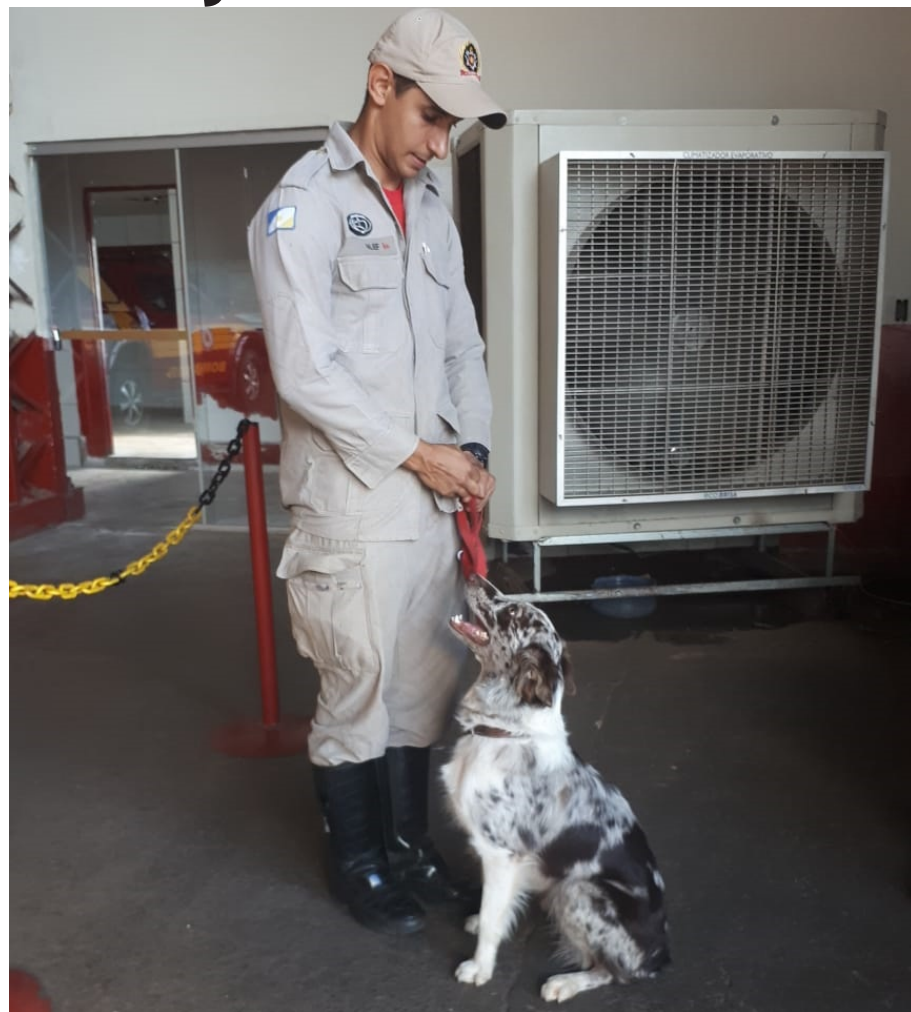


Foto: Sthéfany Simão.

Telles disse que é bom poder contribuir para a saúde das pessoas.

Ritxókó é o nome das bonecas do povo Karajá-Indy

Guilherme Coiro



Foto: Divulgação.

Boneca segurando uma tartaruga, o cotidiano está presente na arte Indy.



Fotos: Divulgação.

Karajás Ritxókó são bonecas feitas de argila ou barro com cinzas; pintadas com tinta à base de carvão, jenipapo e urucum; e ornamentadas com cera de abelha, linha de algodão ou miçangas.

Segundo o Instituto de Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN), o processo artesanal é constituído por cinco etapas: extração e preparação do barro, modelagem das figuras, queima e pintura.

As bonecas são conhecidas na língua nativa como Ritxókó no feminino e Ritxóó no masculino, simbolizando a identidade cultural do povo indígena Karajá – Iny, como se denomina, uma vez que representa cerimônias e ciclos ritualísticos carregados de significados e importâncias para a comunidade indígena.

Inicialmente as bonecas foram criadas com o intuito de serem brinquedos para as meninas Karajás, passando de geração para geração. As mulheres faziam essas bonecas representando o cotidiano, rituais e lendas da comunidade Iny. As primeiras bonecas eram bem mais simples, rústicas e menores, normalmente mais robustas e sem braços.

“As bonecas Racana Ritxókó são

usadas como um brinquedo lúdico pedagógico, que através delas crianças aprendem a organização social, o papel de cada um e a cultura dos povos Karajás”, afirmou Narubia Warrerriá, indígena Karajá.

Atualmente, as Ritxókós não são somente brinquedos de criança, mas sim também uma fonte de renda. Pintadas atualmente de preto e vermelho, as bonecas se tornaram uma das principais fontes de renda da comunidade Iny.

Em 2002 foi criada a casa de cultura pelas lideranças indígenas Karajá e Tapirapé, com o objetivo de gerar renda para os indígenas através da venda dos artesanatos e divulgar a cultura Iny.

“As ceramistas percebendo a oportunidade, evoluíram, fazendo cada vez mais bonecas e mais completas. Foi aí que surgiu um novo tipo de boneca, já com braços, sentadas, que retratam o nosso cotidiano e a pintura corporal”, completou Narubia Warrerriá.

Em 2012, por iniciativa do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Goiás, as bonecas foram reconhecidas pelo IPHAN como patrimônio imaterial do Brasil, e hoje ocupam prateleiras em museus dentro e fora do país.

Narubia Warrerriá, indígena Karajá, afirma que as bonecas não são somente brinquedos de criança, mas sim também uma fonte de renda.

Câmpus de Palmas completa 15 anos com problemas de infraestrutura

Maria Alcântara



Foto: Maria Alcântara.

Frete do complexo com obras inacabadas.

A Universidade Federal do Tocantins completou 15 anos, isso aumenta a sua responsabilidade que é de desenvolver ciência e tecnologia, numa região onde os interesses políticos e econômicos ainda estão focados na produção de soja e criação de gado bovino.

Promover a cultural regional e inserir os vários segmentos étnicos nessa proposta de educação superior, inserindo indígenas, quilombolas, população empobrecida que migra dos Estados vizinhos, são desafios a serem conquistados.

Para atingir os objetivos sociais e formar profissionais capacitados em várias áreas no mercado, a Universidade possui programas que ajudam estudantes de baixa renda e que não conseguem, muitas das vezes, estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Um dos programas mais importantes é o de Auxílio Alimentação que tem cadastrado 5 mil estudantes, mensalmente esses alunos recebem alimentação gratuita nos quatro restaurantes dos câmpus de Palmas, Porto, Gurupi e Araguaína. Outros 300 alunos, aproximadamente, estão inseridos no Programa de Moradia – casa indígena, casa do estudante e além do auxílio pecuniário são 500 mensais.

Outro programa também muito importante é o Programa Auxílio Permanência – modalidade permanência

e temporário, são cerca de 1.500 alunos que participam do auxílio permanência e 100 no temporário por semestre. 120 são beneficiados com o Programa de Promoção à Participação em Eventos e 50 alunos participam do Programa de Promoção à Saúde.

Todo esse apoio que a Universidade Federal do Tocantins dá aos estudantes tem por objetivo a inserção dos alunos de baixa renda no processo de ensino, pesquisa e extensão do ensino universitário além de outros apoios motivacionais e psicológicos, para muitos estudantes que não estão amadurecidos o suficiente e sentem a pressão psicológica das etapas inerentes ao curso de graduação.

Infraestrutura

Se a universidade como um todo tem esses desafios o câmpus Palmas acerta em um lado, mas tem enfrentado problemas para manter os serviços básicos de infraestrutura. Falta iluminação noturna, o mato toma conta dos canteiros, o lixo se espalha em alguns pontos estratégicos do câmpus, o que tem proporcionado um ambiente de insegurança, principalmente para as pessoas que frequentam o câmpus à noite.

Alice Sousa, estudante do curso de Administração disse que estuda até tarde na biblioteca, o problema está na hora de se deslocar até a parada de ônibus que fica próxima da prainha. “Este percurso da biblioteca até a parada de

ônibus em frente à prainha é muito escuro, cada dia venho menos a biblioteca, tenho medo de acontecer algo nesse ponto de ônibus”, desabafa.

A prainha é um espaço de lazer e entretenimento para quem frequenta o câmpus de Palmas. A paisagem é linda, principalmente ao final da tarde, ao pôr do sol, mas está esquecida, e a beleza natural do lago vai se perdendo porque ali mesmo e nos arredores estão se acumulando lixo, muito mato, restos de construção.

Não é apenas o lixo e o mato alto os quiosques abandonados que foram construídos sem licitação e, ainda por cima, numa área de preservação permanente, estão destruídos, compondo um cenário feio.

A prefeitura do Câmpus alegou que todos os quiosques sem licitação foram desativados e que, antes, estavam sob a “guarda” das empresas de alimentação que ocupavam o local. Com a saída das empresas compete ao câmpus cuidar do espaço, um dos poucos locais onde os alunos fazem seus eventos e onde a natureza está presente de forma convidativa.

Complexo laboratorial sofre com obras inacabadas

Solitário, é a palavra que pode ser utilizada para descrever o prédio que abriga os estudantes de Jornalismo durante as atividades disciplinares do curso. Equipado com estúdio de TV, rádio, laboratório de redação, laboratório

de fotografia e até um mini auditório, o complexo laboratorial de Jornalismo do câmpus de Palmas, da Universidade Federal do Tocantins, é outro espaço de uso intenso, mas que sofre com o descaso das obras inacabadas.

O “Caleidoscópio”, nome dado ao complexo do curso de jornalismo, está rodeado por obras que não foram concluídas. As obras ficaram pela metade, o mato está alto e até há árvores crescendo dentro do que poderiam ser salas e laboratórios, um estado de total abandono.

A aluna Adrielly Calixto, estudante do quinto período do curso de jornalismo, relata que o ruim de estar estudando em um complexo que tem ao seu redor mato alto é o sentimento de medo e insegurança. “A aparência do nosso bloco foi prejudicada por estarmos entre essas obras inacabadas que podem servir de esconderijo para ladrões, aqui tem muito equipamento caro, causa medo a noite”.

Infelizmente isso não ocorre somente no complexo do curso de jornalismo. Só para se ter noção, alguns blocos que seriam para atender as necessidades dos alunos do curso de Teatro e Engenharia elétrica estão com projetos sendo refeitos. O que a prefeitura do câmpus relata é que o projeto original foi concebido sem a participação dos professores do ciclo específico - que ainda não tinham tomado posse.



Foto: Maria Alcântara.

Lixo acumulado na área da Prainha.



Foto: Maria Alcântara.

Lixo e abandono na Prainha.

Biscoito é patrimônio histórico do Tocantins

Monique Lemos e Victória Milhomem

Quem passa pela cidade histórica de Natividade não pode deixar de experimentar o famoso biscoito: Amor perfeito. Produzido há mais de 100 anos, em forno a lenha, a receita foi passada de geração a geração e, tornou-se reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Tocantins, recebendo vários prêmios gastronômicos em todo o Brasil.

A história do biscoito com o sabor perfeito, se mistura com a vida do casal Teodoro Cerqueira, o seu Dozinho e, Ana Benedita, conhecida como Tia Naninha, que vive uma história de amor perfeito há mais de 60 anos.

O “Amor Perfeito” é produzido e vendido em um casarão histórico, que fica ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Natividade, onde Tia Naninha nasceu, casou e criou seus filhos. Tia Naninha, que desde criança ajudava a mãe na produção do biscoito em formato de coroa, é a responsável pelo sucesso da receita.

No começo, Tia Naninha começou a produzir o doce para distribuir em festas religiosas e para as visitas. O reconhecimento foi grande, que virou negócio e a produção só aumentou. Feito de forma caseira e artesanal a doceira ensina aos funcionários, que seguem com precisão, um ritual culinário, para dar o ponto certo.

Com o crescimento das vendas o casal percebeu que tinha que ampliar o negócio, mas também precisava preservar a receita e adquirir maior estabilidade financeira. Foi então, que o biscoito feito de polvilho, manteiga, açúcar, leite de coco e uma pitadinha de sal, ganhou um novo elemento: logomarca e embalagem.

O reconhecimento transformou a história do casal e do biscoito no documentário intitulado “Amor Perfeito”, produzido pela Universidade Federal do Tocantins, em maio deste ano.



Foto: Monique Lemos

Biscoito Amor Perfeito.

Núcleo de Produção Digital da UFT inaugura trabalhos com o documentário Amor Perfeito

Victória Milhomem

O Núcleo de Produção Digital Isabel Auler, localizado na Universidade Federal do Tocantins (UFT) câmpus de Palmas, tem como objetivo a potencialização da produção audiovisual em todas as regiões do estado, disseminando para a sociedade, histórias que fazem parte da cultura e memória do Tocantins. O espaço recebeu o nome da ex-reitora da universidade, Isabel Auler, em memória ao seu mandato e todas as suas contribuições para a instituição.

Desde o mês de maio que o núcleo funciona, na inauguração o reitor da UFT, Eduardo Bovolato, falou da importância do núcleo para a instituição. “Esperamos que o núcleo cumpra com o seu objetivo que é difundir a cultura local”, pontou.

Com essa responsabilidade, o núcleo estreia com a primeira apresentação pública o documentário Amor Perfeito, produzido pelo professor de Jornalismo, Fábio D’Abadia, o técnico em audiovisual Jorge Cardoso e o diretor

de Assuntos Comunitários, Dimas Magalhães.

O documentário conta a história de seu Dozinho e tia Naninha (veja box ao lado), um casal que reside no município de Natividade, a 226 km de Palmas e produz o biscoito que se tornou aspecto cultural na região e em todo o Tocantins.

“Eu agradeço a Deus por essa oportunidade”, disse seu Dozinho, “também quero agradecer a vocês pelo carinho”. O casal tem o trabalho já reconhecido no Brasil, mas é no Tocantins, que essas vidas são resignificadas e valorizadas por essa história de amor e superação.

“O Núcleo de Audiovisual é importante para o curso de Jornalismo e, para nós alunos da universidade, é um incentivo maior para desenvolvermos mais atividades voltadas para a questão cultural do nosso estado”, ressaltou a acadêmica do 4º período de Jornalismo, Loislene Pereira Jacobina.



Foto: Monique Lemos

Casal recebe o DVD com o documentário do biscoito “Amor Perfeito”.



Foto: Monique Lemos

Casal agradece oportunidade de ter o trabalho reconhecido pela Universidade.

Mulheres disputam por mais espaços na política em Palmas

Dandara Maria Barbosa

A participação feminina na política tocantinense corresponde a 16%. Em 2014, candidataram-se aos cargos políticos 215 homens e somente 80 mulheres, o que corresponde a apenas 27% das candidaturas do estado. Em Palmas não é diferente. As eleições municipais trazem um cenário péssimo, já que dos 19 vereadores, apenas duas são mulheres, sendo a servidora pública, Laudecy Coimbra, que conta as dificuldades de ser uma vereadora, em uma cultura que o patriarcado predomina.

“Nunca somos reconhecidas e não conseguimos tramitar nossos projetos voltados as mulheres, porque os homens não entendem nossas particularidades, por isso somos regidas por leis que na maioria, são os homens que fazem,” relata a vereadora. Ela ainda conta que é importante incentivar as mulheres na política, “porque só assim haverá políticas públicas voltadas a elas”, esclarece.

Todos os dados expostos denunciam a sub-representação da mulher nos espaços políticos, o que acarreta uma desatenção às políticas públicas voltadas ao sexo feminino. Por

isso surgem os movimentos de entidades voltadas para a necessidade de ter paridade de gênero em espaços de poder político.

Dificuldades

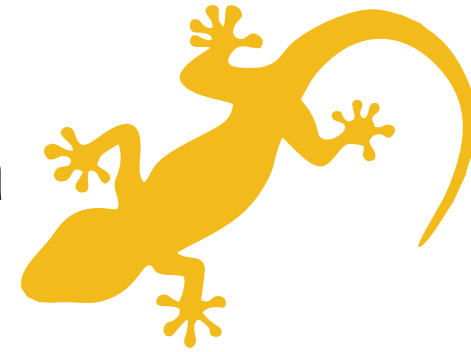
A pós-doutoranda em Antropologia Social, com ênfase em métodos feministas e políticas para as mulheres, Gleyce lally Ramos, explica que existem diversos fatores que impedem as mulheres a ocuparem cargos públicos, entre eles a inexistência da formação política mais aplicada. “A má formação tem todo um viés estruturante, que não dá acesso as mulheres a educação de qualidade. A partir daí, quando ela não tem uma instrução boa, é excluída dos debates porque não tem oratória, e quando ela ousa ir para esses espaços, é humilhada e passa a temer estar nesses lugares, são violentadas nesses espaços, a política brasileira é bem misógina”, explica a antropóloga.

Em busca de mudar o cenário atual, implementando políticas públicas voltadas para o gênero feminino, algumas mulheres de vários partidos estão mobilizadas para disputar as eleições deste ano, como o caso da pré-candidata a

deputada estadual, Eutália Barbosa (PT). A pré-candidata diz que que o cenário brasileiro não é benéfico para as mulheres, sendo que ainda há muito machismo e sexismo nesses espaços políticos, fazendo com que as mulheres não avancem na gestão.

“A gente vive um momento de um avanço muito grande do conservadorismo em todas as esferas da sociedade, inclusive, na vida pública e isso é um entrave nos processos emancipatórios”, explica. Para Eutália é preciso trabalhar na perspectiva da emancipação dos sujeitos e “precisamos enfrentar um histórico da sociedade referente ao machismo e à cultura patriarcal. Ainda se dificulta muito a participação da mulher, pois ela ainda é muito cobrada dentro de casa, enfrentamos machismo dentro das próprias organizações e às vezes isso é tão árduo que a gente acaba desistindo de fazer um enfrentamento” comenta.

Uma das mulheres que estão se destacando na política é a atual prefeita de Palmas, Cintia Ribeiro. A prefeita comentou que em seu mandato tem sido muito questionada por colocar mais mulheres à frente das secretarias e



gerindo mais espaços de poder feminino. “É um retrocesso ver tantos homens que questionaram o porquê de ter empossado mais mulheres nos espaços municipais. E o que é pior, de homens que têm mandato, que ocupam espaços de poder”, lamenta. “Quando vemos esses questionamentos vindos de pessoas que não tenham acesso a mais conhecimento, leitura, a gente entende, mas de representantes da câmara, nos sentimos ainda mais assustadas com tudo isso. Por que essas mulheres tão competentes não podem assumir os espaços de poder?”, questionou.

A prefeita ainda explica que muita gente pensou pelo viés de que por ela ser mulher, chamaria outras mulheres para compor, “mas se eu não fizer isso quem irá fazer? Que bom seria se outras mulheres chegassem ao poder e continuassem pensando e valorizando as mulheres”, disse a gestora, que ressaltou que as escolhas feitas para ocupar cargos municipais não foram feitas apenas pelo fato delas serem mulheres, mas pela capacidade intelectual e pelo currículo.



Silvinha Pires, suplente de vereadora em Araguaína.

Foto: Arquivo Pessoal.

Cotas

Existe uma ação afirmativa que busca impulsionar as candidaturas femininas. É a lei 9.100, promulgada em 1995, que reserva 20% dos postos políticos dos partidos para serem ocupados por mulheres. Dois anos depois a lei foi alterada e o percentual subiu para 30%, contudo, essa lei se mostra ineficaz. Seja pela falta de punição aos partidos que não a cumpre (ou o seu cumprimento apenas para “preencher a cota”), seja pela baixa disponibilidade de recursos dentro do próprio partido para as campanhas das mulheres, ou ainda pela falta de campanhas de conscientização, o que se vê é a ineficácia da lei, uma vez que não garante a competitividade das candidaturas.

Rádio UFT FM volta a funcionar

Pedro Veríssimo



Júnior Duarte, diretor da UFT FM.

Foto: Arquivo Pessoal.

A Rádio UFT FM voltou a funcionar depois de ter ficado fora do ar de fevereiro a junho. No fechamento desta edição, a rádio estava com a programação voltando aos poucos. A UFT FM é uma emissora importante para a cidade de Palmas pela programação cultural, científica e de entretenimento. “Uma vez que a Rádio é bastante solicitada pelo padrão de qualidade da programação, retornamos o mais breve, embora muitos equipamentos tenham sido avariados”, disse o diretor da emissora, Júnior Duarte.

A rádio foi atingida por uma descarga atmosférica de alta intensidade causada pelos raios durante o período chuvoso. Além dos cabos, transformadores, disjuntores e a parte elétrica,

alguns aparelhos específicos também foram danificados, processadores e distribuidores de áudio, switches, conversores de fibra e até o transmissor.

A localização da Rádio, que é próxima ao lago e numa área descampada, pode ter sido o que motivou o acidente. A maior parte dos aparelhos importados, necessitaram de um profissional especializado, os danos que puderam ser sanados por profissionais da região foram resolvidos, mas os que dependem de mão de obra especializada demorou mais”, explicou Duarte.

Sobre o prejuízo, Júnior disse que os valores ainda estão sendo contabilizados, alguns ainda em processo de licitação, aguardando o tramite legal dos prazos. Segundo a estudante da UFT e

produtora do programa Ajunta Preta, Dandara Barbosa, a rádio produz conteúdo diferente das demais emissoras. “Além das músicas para todos os gostos, a rádio produz conteúdos importantes e diferenciados, que precisam ser debatidos nessa sociedade, como é o nosso programa Ajunta Preta que fala sobre o racismo e o machismo, e tudo que envolve a mulher negra” disse a aluna.

As rádios universitárias têm crescido em todas as regiões do Brasil e estão presentes em aproximadamente 20 universidades federais. Essas rádios são importantes para a produção democrática e de conteúdo mais voltado para o regionalismo de conteúdo, que tem um público mais alternativo do que ouvintes de grandes rádios comerciais.

Alunos do curso de Jornalismo da UFT participam de projeto no município de Santa Rosa

Jorge Cardoso

Estudantes do curso de jornalismo estiveram na cidade de Santa Rosa do Tocantins, região sudeste do estado entre os dias 8 e 10 de junho para atuarem no projeto do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Comunicação Desenvolvimento e Estudos da Cultura – Codec.

A equipe realizou o registro através de áudios, fotos e vídeos, do festival de músicas folclóricas da cidade, que contou com a participação de foliões dos municípios vizinhos.

Alunos do primeiro ao quarto períodos de jornalismo tiveram a oportunidade de por em prática o que foi aprendido nas salas de aulas, pois foram os responsáveis por realizar as entrevistas em áudio e vídeo, das personalidades culturais envolvidas no evento.

A aluna Ana Carolina Azevedo do quarto período de jornalismo relatou que desenvolveu aspectos tato no profissional quanto no pessoal. “Foi uma experiência diferente de todas que já tive, estagio desde o primeiro período da faculdade, mas nunca havia tido um contato tão forte com a nossa cultura, que pouco conhecia. Nesse projeto entendi que ser jornalista e pesquisadora é despir-se dos seus sapatos e calçar os sapatos do outro”, destacou Ana Carolina.

Na sexta feira aconteceu a etapa municipal, no sábado a estadual e no domingo as finais e premiação dos vencedores. As categorias foram

divididas em: música de roda e de catira; instrumentos com viola, caixa, palma (pandeiro); e vena (bandeira do divino).

O festival que está na décima sexta edição tem como objetivo valorizar a cultura regional destacando a participação dos foliões, que são pessoas que se dedicam a realizar as festas do divino e as folias de reis presentes em vários municípios tocantinenses e já reconhecidas como um movimento cultural do estado.

O professor Frederico Salomé coordenador do Codec resalta a importância de ter o registro desses movimentos culturais que ocorrem no estado. Para Salomé o projeto desenvolvido pelo Núcleo tem como objetivo fazer registro cultural em todos os 136 municípios do Tocantins para alimentar um acervo virtual com fotografias, áudios e vídeos, esse material ficará disponível para pesquisadores interessados no tema.

O Codec está vinculado ao programa UFT Social que visa aproximar a universidade às comunidades de todos os rincões do estado.

O NPD- Núcleo de Produção Digital da UFT é um dos parceiros do Codec na realização do projeto na captação das imagens e produção de documentários que serão disponibilizados na Plataforma Jiquitaia que servirá de repositório para fotos, áudios e vídeos.



Ana Carolina: nesse projeto entendi o que é ser jornalista e pesquisadora.



Frederico Salomé, coordenador do Codec resalta a importância do projeto.

Foto: Jorge Cardoso.

Foto: Jorge Cardoso.

Dança de rua ganha espaço nas universidades: Câmpus de Palmas abre atividades e promove arte de periferia

Marcos Antonio B. Carvalho

A dança de rua ganha cada vez mais espaço no Tocantins com diversos eventos e atividades que vem acontecendo ao longo dos anos e dançarinos que se destacam pelo Brasil e pelo mundo.

Segundo o artista Jerfferson Costa Pinto (Jeff TJ), um dos expoentes do movimento de dança de rua em Palmas, que foi selecionado na modalidade comunitária com a apresentação da Performance de Danças Urbanas "Arte de Rua: Meu Eu" promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX), “diversos grupos vêm se formando com o apoio da UFT”, esclarece.

Para o artista foi possível levar as danças urbanas para dentro das universidades, do campus, que até então não conheciam o movimento. “A comunidade acadêmica se encantou com as atividades e esse é nosso objetivo, mostrar que através de práticas saudáveis e divertidas é possível trazer benefícios tanto para a mente quanto para a saúde”, explicou.

A dança de rua surgiu através dos negros das metrópoles norte americanas. As primeiras manifestações surgiram na época da grande crise econômica dos EUA, em 1929, quando os músicos e dançarinos que trabalhavam nos cabarés ficaram desempregados e foram para as

ruas fazer seus shows. Uma das vertentes do Street Dance, explodiu nos EUA em 1981 e se expandiu mundialmente, sendo que, no Brasil, devido à sua cultura, os dançarinos incorporaram novos elementos de dança.

A Dança de Rua vinculada ao movimento Hip Hop (Hip do inglês – quadril; Hop – pulo) se direciona as periferias das cidades onde nasceu como movimento de resistência incrivelmente renegado e, portanto, discriminado, de onde só recentemente ousou sair para o centro das cidades, local no qual já se populariza.

O Circularte é um Programa de premiação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que visa promover a circulação de projetos artísticos nas modalidades: música, teatro, circo, dança e literatura. Esse projeto tem como objetivo divulgar e estimular a produção e a circulação de artes sensibilizando a comunidade para a fruição artística, portanto, cumprindo uma das diretrizes da Diretoria de Extensão e Cultura que é a Formação Cultural.

O evento por ser desenvolvido pela própria UFT não tem um grupo fixo, segundo o Jefferson que é apenas um intermediador o projeto cria possibilidades para diversas pessoas que ainda não o conhece. Segue abaixo primeira e segunda etapa do projeto.



Jefferson Costa Pinto, expoente do movimento de dança de rua, com o grupo da UFT.

A 1ª etapa do projeto foi realizada no Campus de Gurupi com os grupos convidados:

Apresentação de dança- Companhia Street Dance de Gurupi- SDG
Apresentação de Rap- O'KLAN
Performance especial de encerramento: Jeff TJ

Já a 2ª etapa do projeto foi realizada no Campus de Araguaína com os grupos convidados:

Apresentação de dança- Grupo Espalhe Amor
Apresentação de Rima- Coletivo Batalha do Cimba
Apresentação de dança- Free Step Com Carlos, Daniel Afonso e Daniel

Felipe.
Performance especial de encerramento: Jeff TJ

A terceira etapa foi realizada no Campus de Palmas sete de junho, no Auditório da Reitoria a partir das 16h (quatro horas da tarde) com os grupos convidados: Amnezy Group (K-POP), GLDance (Apresentação de Dança), Balé Popular do Tocantins (Turmas de HIP HOP), On no Movimento (HIP HOP), e para encerramento Performance especial com Jeff TJ.

Para mais informações:
Telefone: 63 3229-4164
E-mail: cultura@uft.edu.br
Jefferson: 063 98116-7952

Foto: Arquivo Pessoal.